

O homem da flor na boca

S PS

Luigi Pirandello

Tradução: Maria José de Carvalho

sec 20

Personagens:

O homem da flor na boca
Um pacato freguês

Nota: No fim, nos lugares indicados, porá a cabeça para fora duas vezes, uma sombra de mulher, vestida de preto, com um velho chapeuzinho de chorosas plumas.

Cenário: Ver-se-ão ao fundo as árvores de uma avenida, com as lâmpadas elétricas transparecendo por entre as folhas. De ambos os lados, as últimas casas de uma rua que dá para a avenida. Entre as casas, à esquerda, um miserável café noturno com mesinhas e cadeiras no passeio. Em frente das casas da direita, um lampião aceso. No canto da última casa à esquerda, que faz esquina com a avenida, um lampião também aceso. Será pouco mais de meia-noite. Ouvir-se-á ao longe intervalos, o som tilintante de bandolim.

Ao erguer-se o pano, o homem da flor na boca, sentado a uma das mesinhas, observará longamente, em silêncio, o pacato freguês, que à mesinha ao lado, sorverá com um canudinho de palha um refresco de hortelã.

H - Vejam só! Então o senhor, um homem pacato... perdeu o trem.

F - Por um minuto. Foi só chegar à estação e vê-lo partir.

H - Podia correr!

F - Pois é. Só rindo mesmo. Santo Deus. Se não fosse toda aquela atrapalhão de embrulhos, pacotes, pacotinhos!... Mais carregado que um jumento! Mas as mulheres - encomendas e mais encomendas que não acabam nunca. Três minutos, imagine, ao sair do táxi, para arrumar nos dedos todos aqueles lacinhos de pacotinhos; dois em cada dedo.

H - Devia ser bonito! Sabe o que eu teria feito? Deixaria tudo no táxi.

F - Ah! Sim! E minha mulher? E minhas filhas? E todas as suas amigas?

H - Fazer gritaria! Ia-me divertir um bucado.

F - Bem se vê que o senhor não sabe como ficam as mulheres em veraneio.

H - Claro que sei. Por isso mesmo. (Pausa) Dizem sempre que não vão precisar de nada.

F - Só isso? São capazes até de afirmar que veraneiam para fazer economia. Pois assim que chegam a lugarejo qualquer dos arredores, quanto mais feio, sujo e miserável for, mais se mepiriquitam para enfeitá-lo com as mais vistosas garridices! As mulheres, meu caro senhor!

F - Sim, porque...quero dizer, o senhor deve sentir um grande prazer imaginando tantas coisas...

H - (Aborrecido, após ter pensando um pouco). Prazer? Eu?

F - É, creio que sim...

H - Diga-me, já foi consultar algum médico famoso?

F - Eu não, por quê? Não estou doente!

H - Não se assuste! Perguntou-lhe apenas para saber se já viu em casa de algum desses médicos importantes a sala de espera dos clientes.

F - Ah, sim. Uma vez tive que levar uma de minhas filhas que estava ruim dos nervos.

H - Pois bem. Não quero saber. Isto é, aquelas salas...(Pausa) Reparou nelas? Sofá de pano escuro, velho... as poltronas estofadas, geralmente desemparelhadas... aquelas cadeiras... Coisas avulsas, móveis usados, postos ali para os clientes; não pertencem mais à casa.

O Senhor doutor tem para si, para as amigas de sua senhora, uma outra sala, bonita, luxuosa. Qualquer daquelas cadeiras ou poltronas da sala de visitas chocaria na sala de espera dos clientes, à - qual basta esse arranjo decente, sóbrio, convencional. Gostaria de - saber se o senhor, quando foi com sua filha ao consultório, observou bem a cadeira ou a poltrona em que se sentou.

F - Eu não realmente...

H - Pois é, porque não estava doente...(Pausa) Mas nem mesmo só doentes ligam para isso, preocupados como estão com os seus males. - (Pausa) Entretanto, quantas vezes alguns ali ficam olhando para o dedo que vai desenhando vagos sinais no braço lustroso da poltrona em que estão sentados; Pensam e não enxergam! (Pausa) Que sensação, quando à saída do consultório, atravessando de novo a sala, se vê a cadeira em que ainda há pouco, enquanto esperávamos a sentença sobre o nosso mal, estávamos sentados; Acha-la agora ocupada por outro cliente, também ele com o seu mal secreto; ou ali vazia, impassível, à espera de que outro qualquer venha - ocupá-la. (Pausa) Mas o que estávamos falando?... Ah, sim... o prazer da imaginação. Quem sabe lá por que de repente fui lembrar de uma daquelas cadeiras de sala de espera de consultório - médico, nas quais os clientes aguardam a sua vez.

F - É ... de fato...

H - Não vê a relação? Eu tampouco. (Pausa) Mas é que certos apelos de imagens, distantes entre si, são tão particulares a cada um de nós, que a gente não conseguiria se entender, se ao falar, não evitasse empregá-los. Nada, em geral, mais ilógico que essas analogias. (Pausa) Mas a relação talvez possa ser esta, veja: - Teriam aquelas cadeiras prazer em poder imaginar quem seja o cliente que se vai sentar nelas à espera da consulta? que doença esconde em si? Aonde irá? Que fará quando sair? - Nenhum prazer. E assim eu: nenhum! São tantos os clientes que aparecem, e elas lá estão, pobres cadeiras, para serem ocupadas. Pois bem, não deixa de ser uma ocupação semelhante a minha. Ora me ocupo disto, ora daquilo. Neste momento, é do senhor que me ocupo, e creia que não sinto nenhum prazer pelo trem que perdeu, pela família que o espera em veraneio, por todos os aborrecimentos que posso imaginar no senhor.

F - Uh, tantos, nem queira saber !

H - De graças a Deus, se são apenas aborrecimentos. (Pausa) Há quem tenha coisa pior, meu caro. (Pausa) Estou lhe dizendo que preciso agarrar-me com a imaginação à vida dos outros, mas assim, sem prazer, sem nenhum interesse, ou melhor... para sentir-lhes o tédio, para julgá-la de tal modo tola e vã, a vida, que ninguém ... possa se incomodar com acabá-la. (com escura raiva) E

12

De resto, é o seu ofício... “Se você for à cidade, meu bem! Eu estava precisando tanto disto... e daquilo... e se não fosse muito trabalho, meu bem (“o meu bem, se não fosse muito trabalho”...) e depois, já que vai passar mesmo por lá...”. Mas, minha cara, como é que você quer que em três horas eu dê conta disso tudo? “Th, mas que coisa! tomando um táxi...” O pior é que pensando demorar só três horas, não trouxe a chave da casa.

H - Bela coisa! E por isso?...

F - Deixei todo aquele montão de pacotes e embrulhinhos para guardar na estação; jantei num restaurante; e, para aplacar a raiva, fui ao teatro. Fazia um calor... À saída, pensei, e agora? É já meia-noite; às quatro tomo o primeiro trem; por três horas de sono, não vale a pena dormir. E vim para cá. Este café não fecha, não é?

H - Não, não fecha! (Pausa) Então deixou todos os pacotes na estação?

F - Por que pergunta? Não estarão seguros? Estavam todos bem amarrados...

H - Não, não quis dizer isso. (Pausa) Ó, estou vendo, bem amarradinhos: com aquela arte especial dos caixeiros ao fazer os embrulhos...(Pausa) Que mãos! Uma linda folha de papel duplo, vermelho, lustroso, que é por si só um prazer...tão lisa, que dá vontade de passá-la no rosto para sentir-lhe o frescor da carícia...

Estendem-na no balcão, e, com desenvolta elegância, ali colocam, no meio, o tecido leve, bem dobrado. Levantam primeiro, debaixo com as costas da mão, um lado, depois de cima, abaixam o outro, e fazem ainda com esbelta graça, um dobrinha, como um retoque por amor à arte; depois, redobram de um lado e de outro, em triângulo, escondendo por baixo das pontas; estendem uma das mãos para o rolo de barbante; puxam o necessário para amarrar rapidamente, que não dá tempo de admirar a sua perícia, pois nem bem damos pela coisa, já nos estão apresentando o pacote com o laço pronto - para enfiar no dedo.

F - Vê-se que o senhor costuma observar bem os caixeiros.

H - Eu? Meu caro senhor, passo dias inteiros nas lojas. Sou capaz de ficar uma hora parado olhando pela vitrina de uma delas. Esqueço-me de mim. Parece-me que sou, gostaria de realmente ser aquela - seda... aquele algodão, aquela fita vermelha ou azul celeste que os rapazes de balcão depois de tê-la medido no metro, já viu como fazem? Enrolam os oito entre o polegar e o mínimo da mão esquerda, antes de embrulhá-la. (Pausa) Olho o freguês ou a freguesa saindo da loja com o embrulho pendurado no dedo, ou na mão, ou debaixo do braço... acompanhando-o com o olhar até perdê-lo de vista... O Senhor não pode fazer uma idéia. (Pausa) - (Depois, obscuro, como consigo próprio) - Mas gosto, gosto disso.

F - Gosta? Desculpe... de quê?

H - De agarrar-me assim - quero dizer, com a imaginação - à vida. Como uma trepadeira a uma parede. (Pausa). Ah, não a deixar pousar um só instante: a imaginação: - aderir, aderir com ela, continuamente, à vida dos outros... mas não das pessoas conhecidas. Não, não.

Isso eu não poderia! Enfadam-me, se soubesse que náusea me dão, à vida dos estranhos, em torno dos quais a minha imaginação pode trabalhar livremente, mas não à vontade, ou melhor, tendo em conta as mínimas aparências, descobertas aqui e acolá. E se soubesse quanto e como trabalhar, até que ponto me arriscar a penetrar?

Vejo a casa deste e daquele; ali vivo; ali me sinto perfeitamente, até perceber... sabe, aquele hálito particular que emana da casa? da sua, da minha? Na nossa, porém, já não o sentimos, porque é o hálito da nossa própria vida, entende? É, vejo que aprova.

4

isso é para - gravar bem, compreende? com provas e exemplos contínuos, implacavelmente. Porque, meu caro senhor, não sabemos do que é feito, mas existe, existe, sentimo-lo todos aqui, como uma angústia da garganta, o gosto da vida, que nunca se satisfaz, que nunca pode satisfazer, porque a vida, no próprio ato de vive-la, é sempre tão ávida de si própria, que não se deixa saborear. O sabor está no passado, que permanece vivo dentro de nós, o gosto da vida nos vem daí, das recordações que nos têm amarrados. Mas amarrados a quê? A esta tolice... a estes tédios... e tantas estúpidas ilusões... ocupações insípidas... Sim, sim. Isto que agora é para nós uma desgraça, uma verdadeira desgraça... sim senhores, à distância de quatro, cinco, dez anos, quem sabe que sabor adquirirá... que gosto, que lágrimas... E a vida, meu Deus, somente à idéia de perdê-la... principalmente quando se sabe que é questão de dias...(Nesse momento, do canto à direita, surgirá a espiar, a cabeça da mulher vestida de preto) Pois é... vê ela?... digo, lá, naquele canto... está vendo aquela sombra de mulher? - Ora, sumiu!

F - Como?... quem era?...

H - Não a viu? Escondeu-se.

F - Uma mulher?

H - É minha mulher.

F - Ah, sua senhora?

H - (Após uma pausa) Vigia-me de longe. Dá-me ganas, acredite, de corrê-la a pedradas. Mas seria inútil. É como uma dessas cadelas vadias, teimosas, que quanto mais a gente apedreja, mais se agarram aos nossos calcanhares. (Pausa) Não pode imaginar o que aquela mulher está sofrendo por minha causa. Não come, não dorme. Anda atrás de mim, noite e dia, assim, de longe. Se, pelo menos cuidasse de tirar o pó daquilo que traz na cabeça, a roupa. Nem parece mais uma mulher, mas um espanador. Até o cabelo se lhe empoeirou para sempre, aqui nas têmporas, e tem apenas trinta e quatro anos (Pausa) Dá-me ódio que o senhor não pode imaginar, às vezes, pulo prá cima dela, berro-lhe na cara: Idiota! - sacudindo-a. Agüenta tudo. Põe-se ali a olhar para mim com uns olhos... com uns olhos que, juro-lhe, me fazem vir aos dedos uma vontade de esmigalha-lha. Nada. Espera que eu vá embora para recomeçar a seguir-me à distância. (de novo, nesse momento, a mulher porá a cabeça de fora) Olhe, veja, ... põe de novo a cabeça para fora.

F - Pobre senhora!

H - Qual pobre senhora, qual nada! Queria entende, que eu ficasse em casa, quieto, sossegado, aconchegado entre os seus amorosos e apaixonados cuidados, a gozar a perfeita ordem de todos os quartos, da elegância de todos os móveis, daquele silêncio de espelho, que havia primeiro em casa, misturando ao tique-taque do relógio de parede da sala de jantar. Era isso que ela queria! E agora perguntou-lhe, para lhe fazer perceber o absurdo... Mas não, qual absurdo! a macabra ferocidade de tal pretensão, perguntou-lhe se acha possível que as casas de Avezzano, de Messina, se soubesse do terremoto que em breve as abalaria, poderiam ficar ali tranqüilas, ao luar, alinhadas em fila, ao longo de ruas e praças, obedientes ao plano urbanístico da prefeitura municipal. Casas, Santo Deus, de pedra e cal teriam fugido! Imagine os habitantes de Avezzano, os habitantes de Messina despindo-se tranqüilos, sossegados, para dormir, dobrando a roupa, tirando dos sapatos e enfiando-se debaixo das cobertas, a gozar a candura fresca dos lençóis bem lavados, com a consciência de que dentro de poucas horas estariam mortos - acha possível?

F - Mas talvez a sua senhora...

H - Deixe-me falar! Se a morte, meu caro senhor, fosse como um desses estranhos insetos, nojentos, que a gente inopinadamente descobre nas costas... O senhor vai passando pela rua: um

5

transeunte qualquer, de repente, o para, e, cuidadoso, com dois dedos prontos, lhe diz : - "Com licença cavalheiro, o senhor está com a morte nas costas". E com aqueles dedos prontos; agarra-a e atira-a fora... Seria magnífico ! Mas a morte não é como um desses insetos nojentos. Quantos que ora passeiam despreocupados e alheios não a terão em cima; nenhum deles a vê; e pensam; muito sossegados, no que farão amanhã, depois de amanhã. Ora eu...(Levanta-se) meu caro senhor, vamos... venha cá... (fã-lo levantar-se e o conduzirá até debaixo do lampião aceso) aqui debaixo deste lampião ... venha... vou lhe mostrar uma coisa... Olhe, aqui, debaixo do bigode... aqui, está vendo, que lindo tumor violáceo? Sabe como se chama isto? Ah, é um nome dulcíssimo... mais doce que um o caramelo: Chama-se epitelioma. Diga, verá que doçura: epitelioma... A morte passou, espetou-me esta flor na boca e disse: "Fica com ela, meu caro: voltarei dentro de oito ou dez meses!" (Pausa) Agora, diga-me, se com esta flor na boca, é possível ficar em casa quieto e sossegado como aquela desgraçada queria. (Pausa) Berre-lhe: - Ah, sim, queres que te beije? - "Aim, beije-me! - Mas sabe o que ela fez? A semana passada, arranhou-me o lábio, aqui, e , com um alfinete, e depois, agarrando-me a cabeça, queria beijar-me... beijar na boca... Porque diz que quer morrer comigo. (Pausa) Louca... (depois com raiva) Em casa eu não fico. Preciso postar-me diante das vitrinas das lojas, admirando a habilidade dos caixeiros. Porque o senhor compreende, há um momento de vácuo aqui dentro... o senhor entende, posso até liquidar com a vida de uma pessoa que não conheço, sacar o revólver e matar alguém que, como o senhor, por infelicidade, tenha perdido o trem... (Ri) Não, não, não tenha medo, meu caro senhor; estou brincando ! Mas agora é tempo de damascos... Como é que os senhor come? com a casca, não é? Partem-se ao meio; espremem-se com os dois dedos, longamente ... como dois lábios sumarentos... Ah, que delícia! (Ri) (Pausa) Recomende-me à sua senhora e às suas filhas em veraneio. (Pausa) Imagino-as vestidas de branco e azul celeste, num belo prado verde, na sombra... (Pausa) E faça-me um favor , amanhã , quando chegar. Penso que a aldeia fique um pouco distante da estação. De madrugada, o senhor pode fazer o caminho a pé. Veja o primeiro capim da margem. Conte-lhe os fios para mim . O número de fios significará os dias que ainda terei de vida. (Pausa) Mas escolha um bonito, bem grande, não esqueça. (Ri. Depois) Boa noite, meu caro senhor. (Dirigi-se cantarolando a boca fechada, o tema do bandolim distante, para o canto da direita; num certo momento, porém, pensando que a mulher o está ali esperando, voltará, desviando-se pelo outro lado, acompanhado pelo olhar do pacato freguês quase desmaiado).